

## “UM PEDAÇO DO BRASIL NA ESPANHA: domínio temático-empírico, interações e dados”

Patrícia Gouveia<sup>1</sup>

### APRESENTAÇÃO

O presente texto dirige-se a alunos, pesquisadores e demais colaboradores do *Centre of Discourse Studies* - CDS/Barcelona - e de instituições afins - para apresentar “*Um Pedaco de Brasil na Espanha: perfis diferenciados e representações sociopolíticas apartadas entre dois grupos de brasileiros emigrados*”, um (sub)projeto do Programa de Investigação Interinstitucional do CDS (“*Polarização Política na América Latina: discutindo Brasil, Chile e Colômbia*”), no âmbito da Regional 1 (R1). O projeto examina se as ameaças e assédios ao nosso Estado e Sociedade e o recrudescimento de forças neoconservadoras no país estariam manifestas em certas práticas discursivas e em dados aspectos de vida de dois grupos distintos de brasileiros que vivem na Espanha: *Grupo 1 (G1), composto por apoiadores do candidato derrotado na última eleição geral brasileira e Grupo 2 (G2), formado por segmentos democrático-progressistas, eleitores da chapa vitoriosa em 2022.*

Este primeiro ensaio realiza uma qualificação do trabalho em curso. Primeiro, noticia o domínio de atuação do projeto, a Regional 1 (R1). Segundo, revisita seu corpo de hipóteses, atualizando a proposição original à luz de aportes teóricos e empíricos descobertos. Terceiro, contextualiza o exercício etnográfico concluído, caracterizando sua dinâmica interacional e a equipagem metodológica utilizada. Finalmente, exhibe indícios à estruturação de uma base qualitativa de dados (BQD).

### 1. UM DOMÍNIO EM CONSTRUÇÃO: Regional 1 e Projeto inaugural

Em meados de 2022 pesquisadores do *Centre of Discourse Studies* - CDS/Barcelona elaboraram amplo Programa de Investigação Interinstitucional, agregando (sub)projetos independentes, com diferentes ferramentas teórico-metodológicas e temáticas, para discutir a emergência, crescimento e radicalização da Direita Populista na América Latina hoje. O Programa reúne propostas específicas, mas unificadas por três alinhamentos: *a definição do ‘discurso’ como objeto reflexivo prioritário, a perspectiva analítica crítica e o desafio de construir ampla base de dados*, compartilhada interna e externamente. Para tanto, as pesquisas em desenvolvimento definiram quatro regiões de atuação, conforme áreas de interesse de suas coordenações: na Espanha/Europa (R1), no Brasil (R2), no Chile (R3) e em Colômbia (R4). “*Um Pedaco de Brasil na Espanha: perfis diferenciados e representações sociopolíticas apartadas entre dois grupos de brasileiros emigrados*”, portanto, é um projeto específico deste Programa Interinstitucional, sob coordenação da Regional 1 (R1), cujas parcerias com outras universidades e centros de pesquisa latino-americanos foram imprescindíveis à sua realização.

Em linhas gerais, a Regional 1 (R1) aspira tornar-se futura Linha de Pesquisa (LP), não circunscrita a um espaço físico, nem tampouco a um campo disciplinar ensimesmado, cujo domínio investigativo estaria

---

<sup>1</sup> Coordenadora da Regional 1 (R1) do Centro de Estudos do Discurso - CDS/Barcelona (Intercâmbio Técnico-Acadêmico Brasil & Espanha/Europa). Doutora em Ciências Humanas (Antropologia Cultural) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ - RJ/BR).

balizado por três procedimentos niveladores: *multidisciplinariedade*, *interseccionalidade* e *metodologia qualitativa, com ênfase na relevância do exercício etnográfico à crítica social através de estudos do discurso* - compreendido como forma manifesta de prática social, em suas diversas (multi)modalidades -. Coloca-se em diálogo diferentes disciplinas, conceitos, categorias e abordagens - Linguística, Antropologia, Sociologia, Psicologia Social e Ciências Políticas -, cruzando perspectivas antropológicas e estudos crítico de discurso. Junto à *multidisciplinariedade*, prioriza-se investigar práticas sociais discursivamente manifestas, via *recorte interseccional* que relaciona sobrepostas estruturas de dominação. Assim, queremos executar projetos que problematizem diversos marcadores sociais da diferença, examinando múltiplas formas de desigualdades materiais e simbólicas - *i. e.* de classe, gênero, raça, geração e regionais - presentes em experiências sociais específicas. Para tanto, costura-se um artesanato metodológico traçado por distintas tradições e instrumentos de investigação qualitativas<sup>2</sup>. Destacamos aqui a complementariedade entre Etnografia e Análise de Discurso Crítica, nos termos de Izabel Magalhães, André Martins e Viviane Resende (Magalhães e outros, 2017)<sup>3</sup>, ao discutirem a centralidade do exercício etnográfico às análises discursivas. Este, procedimento fundamentado à inserção em campo e à valorização da interação relacional (pesquisador-pesquisado) no processo de construção de dados, cuja dinâmica produz um acervo reflexivo mais amplo que peças textuais específicas. Um material corpulento baseado em observações, relações e interpretações mais à frente do simplificado 'ponto de vista local', que valoriza a dimensão reflexiva do conhecimento, fruto de dada situação interacional entre muitos 'sujeitos-objetos' da pesquisa.

Em particular, o projeto inaugural da R1 ("*Um Pedaco de Brasil na Espanha ...*") quer figurar perfis sociais e cestas de ideários sociopolíticos circunscritos por dimensões afetivo-morais de sujeitos marcados pela condição comum de 'viverem em terra estrangeira'. Examina-se como o "gradual e irrestrito" ataque à democracia brasileira ('desdemocratização') e o avanço acelerado do neoconservadorismo nacional ('lavajatismo' e 'bolsonarismo') manifestar-se-iam em práticas sociais discursivas (autorrepresentações, conversas informais e dirigidas e compartilhamento de mensagens multimodais, dentre outras), no itinerário de vida e em características pessoais próprias aos pesquisados (condição migrante, inserção e inclusão social, formação e vida laboral, consumo e entretenimento, religiosidade e participação social, práticas e representações sociopolíticas etc.). Logo, a proposta circunscreve a reflexão teórica e prática empírica da R1 tanto como eixo temático ('*a experiência migrante*'), quanto como terreno empírico ('*brasileiros que vivem no exterior*'), no circuito desta pesquisa, na Espanha). Posteriormente, espera-se encampar novas localidades com presença significativa de compatriotas e/ou de outras expressivas experiências migratórias. Portanto, a Regional 1 constrói um 'lugar-imaginado' enquanto circunscrição empírica e em referência à forma como estão posicionados sujeitos marcados por real ou potencial sensação de liminaridade ("*in between*") que imprime traços comuns às diversas e distintas experiências migrantes.

Em tempos (difíceis) atuais a 'condição migrante' vem ganhando visibilidade tópica e numérica; em especial, desde muito venho matutando e interagindo sobre inúmeras e diversas experiências diaspóricas, aquilo que interpreto como diacrítico subjetivo: '*a condição e experiência migrante*', um recorte reflexivo que me interessa compreender e qualificar. Vivências hoje de grande interesse social (notadamente na sociedade europeia) que estão atravessadas por justapostos marcadores sociais da diferença. Algo que, penso, qualifica diacríticamente o 'evento de migrar'. Por exemplo, junto à centralidade temática (emergente analítica e socialmente), somos mais de 4,6 milhões de brasileiros vivendo no exterior.

---

<sup>2</sup> Levantamento bibliográfico, definição da linguagem como campo da cultura, mapeamento de diferentes fontes orais e escritas, pesquisa documental, enquetes de opinião, redes de sociais, pesquisa de campo, etnografia, análise de discurso crítica e base qualitativa de dados - BQD.

<sup>3</sup> MAGALHAES, Izabel; MARTINS, André R. e RESENDE, Viviane, 2017. "Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa". Brasília, Ed. UnB, 260 p.

Destes, 1,3 milhões vivem na Europa e cerca de 100.000 na Espanha<sup>4</sup>. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, sem contar as subnotificações, nas últimas eleições brasileiras foram 697 mil votantes, indicando aumento de 39%, em relação a 2018 (quase o dobro dos 354 mil de 2014).

A combinação entre objetivos do Programa de Investigação Interinstitucional do CDS e interesse sobre a *'experiência de ser-migrado'* posiciona a R1 como lugar e objeto passíveis de muitas problematizações. Mais além de sua localidade empírica inicial (brasileiros na Espanha), pretendemos abarcar o conjunto abrangente de emigrados do 'Sul Global'. O que implica em ampliar os objetivos da linha investigativa, garantir desdobramentos ao projeto original e incorporar novos pesquisadores e propostas afins. No âmbito operacional do Programa, a R1 realiza esta pesquisa inaugural e, em ato, vai performando contornos ao próprio território. Como LP em construção, primeiramente buscou encontrar interlocutores, finalizar a proposta e definir suas referências teórico-metodológicas<sup>5</sup>.

Na execução do cronograma inicial do projeto (Fases 1 e 2)<sup>6</sup>, mapeamos e resumizamos referências teórico-metodológicas cruciais ao Programa Interinstitucional, no escopo da R1. Montamos um pano de fundo à discussão geral proposta, selecionando literatura básica à contextualização do Brasil do tempo presente (2013 - 2023) - para melhor informar e estimar grandezas ao trabalho em curso e situar macro analiticamente seu ambiente local -. Procuramos discutir o momento nacional cotejando certas dimensões subjetivas e dado ordenamento político e social. Afinal, contextos gerais aclarados pela crítica histórica são imprescindíveis à compreensão e interpretação do Brasil atual. Mais ainda, esclarecem sobre formas como sujeitos veem e estão no mundo. Dito melhor, sobre enquadramentos que forjam subjetividades e informam representações em disputa, a despeito do lugar de origem e de destino daqueles que as evocam.

A partir daí, elaborou-se uma série de instrumentos metodológicos à pesquisa empírica para caracterizar perfis sociais e ideários sociopolíticos subjacentes, com ênfase em dimensões afetivo-morais de sujeitos marcados pela condição comum de *'viverem em terra estrangeira'*. Um conjunto de procedimentos à reflexão posterior sobre o material construído, cotejando os instrumentos de pesquisa dispostos (leituras temáticas, cartas de apresentação, mensagens multimodais, modelos de formulário, pré-testes, grupo focal, roteiro de entrevistas, notas de campo, composição do público-alvo - G1 e G2), junto à dinâmica de construção do acervo discursivo (conversas dirigidas) e dos indicadores preliminares decorrentes. Assim, adentramos pelo delicado e complexo processo de inserção em campo.

Iniciado em outubro-novembro de 2022, em julho passado o projeto concluiu sua segunda fase de execução (F2): a pesquisa de campo, revisitando e atualizando seus pressupostos originais. Simbolicamente, um *'teste de validade'* à pertinência dos três blocos de questionamentos estruturados: *o que significaria hoje alguém se declarar como de 'esquerda' ou de 'direita' (Q1)*, considerando a presença recorrente dessas evocações no universo específico dos dois grupos pesquisados; *se/em que medida o fato de 'viver no exterior' aproximaria as pessoas entrevistadas de perspectivas e condutas mais cosmopolitas (Q2)*, distintas do padrão anterior experienciado no Brasil; *os modos de pensar e argumentar*

---

<sup>4</sup> Sem considerar subnotificações, em janeiro de 2020, antes da crise, 98.655 brasileiros moravam na Espanha. Já em em janeiro de 2021 viviam 95.433 e em janeiro de 2022 90.535 viviam em solo espanhol. Um número subestimado cuja redução está relacionada à crise pandêmica.

<sup>5</sup> Como dito, o cruzamento de categorias e procedimentos das tradições antropológicas e linguísticas, em especial as abordagens etnográficas e as análises de discurso críticas, que problematizem a sobreposição de marcadores sociais da diferença nas experiências subjetivas.

<sup>6</sup> Em meados de 2023, como desdobramento da proposta do CDS, participa do Programa de Intercâmbio Internacional com o Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, CEAM/UnB, ampliando a institucionalidade da proposta em curso. Passo importante à sua incorporação posterior como estágio pós-doutoral no Laboratório de Estudos Críticos do Discurso - LabEC/UnB, supervisionado por Viviane de Melo Resende e Teun van Dijk.

sobre aspectos sociopolíticos que expressam corpos de ideários, de matrizes crítico-analítica e/ou acrítico-sintética (Q3). Enfim, um conjunto de problematizações que nos deteremos a seguir.

## 2. UMA ATUALIZAÇÃO DE PRESSUPOSTOS: referências e problematizações

Ao longo do trabalho de campo - de novembro de 2022 a julho de 2023 - foram ganhando maior materialidade os pressupostos iniciais do projeto. Como sabemos, toda investida empírica gera incremento e calibrada à dada proposta investigativa; um *upgrade* decorrente da dinâmica de construção de dados que impacta diretamente o processo de produção de conhecimento; um fluxo que coloca em diálogo a pesquisa empírica efetuada e seu quadro de hipóteses original. Então, cotejando aspectos ontológicos (como os sujeitos produzem e reproduzem a realidade), epistemológicos (como o processo de conhecimento crítico é construído) e metodológicos (como são formatados e aplicados instrumentos de pesquisa), atualizamos pressupostos iniciais no próprio processo de inserção e realização do exercício etnográfico.

O primeiro deles problematiza o que significaria hoje alguém se declarar como de 'esquerda' ou de 'direita' (Q1), considerando tanto a retomada da questão e sua preeminência na ordem do dia (seja no Brasil, seja no exterior), quanto sua presença e frequência no universo empírico investigado. Embora 'implantadas' no cenário das disputas políticas atuais, ambas noções não portam significação em si mesmas, mas aportam muitos sentidos pertinentes à reflexão. A recorrência e atualidade da divisão clássica entre 'Esquerda' e 'Direita' atestam sua representatividade como prática social presente em todos os discursos observados (e nas demais práticas discursivas de outros, como elites materiais e simbólicas, mídia corporativa, políticos, redes sociais e grupos de resistência).

É bastante assertiva aqui a reflexão recente de T. van Dijk, sobre a caracterização da ideologia de Extrema Direita - ED (2023)<sup>7</sup>. Como Analista Cognitivo, conceitua 'discurso' como seu campo especializado de reflexão, definindo-o como prática social onde se manifestam atitudes e ideias suportadas por conhecimentos, ações, normas/valores, identificações e distinções ontológicas. Ao discutir a crescente presença da ED na cena política e social hoje, enfatiza não se tratar de 'Ideologia da ED' com maiúscula; mas uma 'cesta de ideários' que comporta distintas e aproximadas linhagens ideológicas (*i.e.*, nacionalismos, racismos, sexismos, fundamentalismos, autoritarismos etc.), compartilhadas por grupos sociais específicos (Van Dijk, pp. 3-4). Mais ainda, pontua que a reedição de noções socialmente estruturantes e a força e velocidade de seu compartilhamento concorrem ao relativo êxito das ideias veiculadas.

Apropriando-se dessa baliza teórica, buscando ir além do consensual das Ciências Políticas, compreendo que Esquerda e/ou Direita não comportam uma ideologia em si, única e absoluta, mas performam um centro agregador de diferentes ideologias afins. Portanto, cabe ao investigador identificar tais concepções no domínio local investigado. No âmbito da pesquisa empírica recém finalizada, bem como em trabalho anterior (Gouveia, 2022)<sup>8</sup>, a alusão à divisão Esquerda vs. Direita era frequente nas interações,

---

<sup>7</sup> Van DIJK, 2023. Ideology Analysis of the Radical Right. Chapter Routledge Handbook of Ideology Analysis, ed. Matthew Humphrey (no prelo).

<sup>8</sup> GOUVEIA, Patrícia. (2022) BRASILEÑOS MOVILIZADOS EN TIEMPOS DE DISPUTA POLÍTICA: dos grupos observados durante la campaña presidencial de 2022 (*mimeo*).

inclusive, sem ter sido colocada aprioristicamente pelo pesquisador. Nos contatos estabelecidos, enquetes realizadas e entrevistas feitas, apenas duas pessoas não a citaram antecipadamente. Mais ainda, nos contextos nos quais foi enunciada os sentidos atribuídos extrapolavam o campo da ideologização político-partidária. As conversas, argumentos e descrições, dentre outras 'falas' estabelecidas, remetiam-se a diferenças nas formas de viver e pensar o mundo que segmentavam sujeitos binariamente: 'de esquerda' ou 'de direita'.

Nos relatos observados, muitos argumentos atualizavam essa cisão clássica em verdadeiras disputas discursivas, quase uma 'nova guerra fria'. Afirmações e troca-troca de mensagens que atualizavam uma polarização essencial, alinhando pares identitários (nós/eu e eles/outros) em posições e posicionamentos contrários. Bipartidarismos à parte, observamos verdadeira 'idealização de si' nas narrativas situadas ('em interação') que contavam histórias pessoais e indicavam julgamentos e avaliações. Ato que, sabemos, incide sobre dimensões existenciais (humanistas, filosóficas, morais) próprias à lógica de distinção entre determinado 'eu' e um 'outro situacional'.

Como exemplo do que observamos no curso da pesquisa empírica, exibimos abaixo parte da mensagem reenviada pela pessoa entrevistada (autoria de Elton Leite de Souza), na qual auto explicitava seu posicionamento como "alguém de esquerda". Ao escolher 'falar de si pela voz do outro' (prática recorrente no troca-troca de mensagens), patenteando seu posicionamento existencial, agregava novos sentidos e dimensões à clássica oposição política (referências filosóficas, existenciais, coletivistas, culturais e artísticas):

---

*"Certa vez, perguntaram ao filósofo Gilles Deleuze por qual razão ele nunca foi filiado a um partido, e aproveitaram também para indagá-lo acerca do que é ser de esquerda. O filósofo deu mais ou menos a seguinte resposta: antes de ser um posicionamento político-partidário, ser de esquerda expressa o modo como nos inserimos na existência ... É a partir do infinito aberto que o ser existencialmente de esquerda compreende que desse infinito fazem parte o cosmos, o nosso planeta, as outras nações, o nosso país, a nossa cidade, o nosso bairro, o outro e, enfim, a sua pessoa.*

*Ser de esquerda é não se colocar como primeiro ou último numa concorrência, mas como parte singular de realidades mais amplas e horizontadas (como ensina também Manoel de Barros). Ser de esquerda não é apenas compreender teoricamente isso, mas sobretudo agir a partir dessa percepção. E dessa percepção podem nascer não apenas ações empáticas, solidárias, generosas, dignas, justas, corajosas e revolucionárias, pois dessa percepção também podem nascer poemas, música, artes e educação não menos revolucionárias" (EA5 - G2).*

---

Em tempos de 'guerra cultural' (disputas de narrativas efetivas com propósito e efeito de 'convencimento'), a incompatibilidade radical como a divisão tem se colocado "na boca do povo" e sua velocidade e volume permitem dimensionar seu grau de instrumentalização. De um lado, a ideia de ser a esfera política - assim como outras dimensões do social - compreendida e experienciada estrutural e pragmaticamente de maneira assimétrica e contraposta. De outro, a prerrogativa de dado ordenamento discursivo ser sempre mediado por contextos de realização nos quais os interlocutores apresentam e representam a si mesmos e a outros.

Outra observação recai sobre dois pontos articulados. Primeiro, a emergência e truculência da ED recarrega tal cisão sistêmica, imbricada de formas de conhecimento, cosmovisões e *modus operandi* prévios e próprios. Mais ainda, ela está cada vez mais presente e explorada nos discursos institucionais e nas representações subjetivas, desde grupos institucionalizados (mídias, políticos, publicitários, intelectuais, militantes) às pessoas comuns (conversações, postagens, gostos e preferências). Segundo, no Brasil corrente seus usos e abusos comunicacionais têm evidente função instrumental, relacionados a interesses de elites, políticos, mídias corporativas e demais formadores de opinião que possuem poder discursivo. Uma divisão retomada e reforçada em 'polarizações de muitas ordens' (populismo de esquerda vs. populismo de direita, petista vs. bolsonarista, globalismo vs. nacionalismo etc.), cujo objetivo é defender predileções próprias a estes grupos. Afinal, sabemos, poder se exerce através de discursos, notadamente

manipulação retórica, e implica em abuso de 'autoridade' (Van Dijk, 2017)<sup>9</sup>. Sim, considerações insuficientes para explicar a amplitude da dicotomia Esquerda - Direita no tempo presente, contudo elucidativas de suas discrepâncias.

O segundo pressuposto discute *se/em que medida o fato de 'viver no exterior' aproximaria nossos conterrâneos de perspectivas e condutas social e culturalmente mais democráticas: modernas, liberais, progressistas, cosmopolitas etc. (Q2)*, considerando dada tradicionalidade característica do 'brasileiro-comum'. Muitas enunciações manifestaram ambiguidades e 'diferencialidades' dos pesquisados em relação à família e suas outras redes de relacionamento. De forma sobreposta, identificamos certo cotejamento entre uma visão reducionista e simplificada - provinciana -, e/ou outra complexa e multifacetada - vanguardista, tanto no elenco de temas tratados e avaliados, quanto nas formas e conteúdos compartilhados. Em particular, presentes nas inúmeras narrativas contadas, nas 'histórias de migrantes', onde, conscientes ou não, aludiam ao fato de que "viver no estrangeiro" aportaria mudanças objetivas e simbólicas à experiência deles.

Uma dinâmica que percorre muitas dimensões. Desde os posicionamentos políticos díspares (globalismo e controle social, capitalismo e comunismo, unilateralismo e multipolarismo, individualismo e solidarismo etc.) às representações cotidianas mais gerais (ter segurança, se 'livrar' das mazelas do Brasil, ser um vencedor e ter melhor qualidade de vida etc.). Isso nos levaria a questionar se - em seus juízos e predicções políticas e em demais formas de vida adotadas - por morarem na Espanha se (auto) representariam mais como cidadãos-do-mundo, e/ou reproduziriam práticas paroquiais, próprias à vivência deles no Brasil? Por exemplo, em que medida e em quais situações viver em "terra estrangeira" faria com que se sentissem e se anunciassem como mais ou menos brasileiros? Mais ainda, viver no exterior seria acionado como símbolo de distinção por seus familiares e amigos e/ou por eles mesmos?

Articulando domínios subjacentes às 'formas de vida' e aos enunciados observados - desde a experiência privada à institucionalidade pública -, as práticas e visões de mundo expressas no contexto interacional configurariam perspectivas mais ou menos cosmopolitas/modernas ou provincianas/tradicionais? Sendo assim, em quais momentos (contextos) e com quem (tipo) tais sujeitos estariam 'dialogando'? Aqui, identificamos uma tensão entre transformação e reação presente de forma mais contundente que no trabalho de campo anterior, igualmente com brasileiros emigrados, em contexto de campanha eleitoral (Gouveia, 2023). Um marcador corrente não só no plano das aparências e dos costumes, mas também em diversas práticas discursivas: nas distintas maneiras de interagir (comunicar, dialogar, comparar, contestar) e nas diferentes formas de compreender e discutir não apenas o Brasil, mas também em preocupações sociopolíticas gerais, atravessadas por oposições primárias estruturantes. Especialmente, em suas considerações sobre o que estava acontecendo no mundo, na Europa e na Espanha<sup>10</sup>, em especial sobre o ordenamento mundial e o contexto político atuais, observamos um cruzamento entre os planos local e internacional.

---

<sup>9</sup> Van Dijk, T. A, 2017. How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff. *Discourse & Communication*, 11(2), 199-229.

<sup>10</sup> Na Espanha tivemos um processo eleitoral tecnicamente curto (as eleições espanholas autonômicas e municipais foi em 28 de maio e as gerais foram antecipadas para 23 de julho), porém politicamente longo, pontuado pelo acirramento de contradições políticas e sociais próprias ao país, por custosos pactos eleitorais e pelo penoso rebaixamento das discussões político-programáticas realizadas. Questões que impactam regras do jogo democrático e que, conforme os resultados das urnas (onde compareceram 70% da população eleitora), configuram uma Espanha matematicamente cindida entre conservadores e progressistas (PP vs. PSOE), atravessada por uma perigosa terceira força política que dá sinais de crescimento em relativo pouco tempo: a Extrema Direita do Partido Vox, fundado em 2013, que teve desempenho 'memorável' nas últimas eleições regionais (junto a uma expressiva esquerda dissidente, reunida no/pelo 'Movimento Sumar'). Um resultado óbvio é que, até o momento que escrevo o texto, não temos definido quem estará à frente do governo espanhol.

De um lado, identificadas entre os representantes do G1 em suas escolhas temáticas (muitos elegiam falar de temas internacionais também porque era uma maneira de se mostrarem 'doutos', bem-informados', 'esclarecidos') e avaliações sobre o ordenamento geopolítico global - eivadas de preocupações de cunho negacionista e conspiratório, como indicam algumas das inúmeras matérias de um periódico digital alarmista (Tribuna Nacional) que circula na rede do pessoal deles, frequentemente repassadas para mim por alguns dos entrevistados. Em particular, sobre este meio informativo que largamente circula nas redes do G1 (e em muitas outras), valeria um exame a parte devido aos seus usos e abusos discursivos (informações falsas eivadas de argumentos de autoridade, citação recorrente de países, instituições e organizações de domínio público, pretensamente 'irrefutáveis' e de 'celebridades' políticas e artísticas extremistas)<sup>11</sup>, como podemos constatar no extrato desta longa matéria me enviada.

*“O que é Unicoïn e quais são suas implicações? As moedas digitais do banco central (CBDC) foram um tema quente este ano. O Banco Central Europeu deve terminar sua investigação ... Esta semana, o Banco da Inglaterra anunciou que está procurando aumentar sua equipe de CBDC para um potencial 'Bitcoin'. Além disso, esta semana, a Suécia acaba de publicar a terceira rodada de seu relatório piloto para sua própria e-krona. Por Pymnts :*

*A UMU é “legalmente uma mercadoria monetária, pode transacionar em qualquer moeda de liquidação com curso legal e funciona como um CBDC para fazer cumprir os regulamentos bancários e proteger a integridade financeira do sistema bancário internacional”, disse o DCMA em um comunicado à imprensa. Os bancos podem anexar códigos SWIFT e contas bancárias a uma carteira de moeda digital UMU e realizar “pagamentos transfronteiriços semelhantes a SWIFT sobre trilhos de moeda digital”, uma referência ao sistema de pagamento SWIFT ...*

*Isso permite que os usuários contornem “o sistema bancário correspondente com as melhores taxas de câmbio no atacado e com liquidação instantânea em tempo real” ... O DCMA apontou no comunicado os comentários de Tobias Adrian, conselheiro financeiro do FMI, que imaginou uma “plataforma multilateral ... contratação”.*

*O diretor executivo da DCMA, Darrell Hubbard, disse no comunicado que a UMU é “a solução exata” para a visão que o FMI expressou. A autoridade disse que a UMU adota “uma arquitetura de sistema monetário público de localização global” e pode ser configurada para atender “aos regulamentos de bancos centrais de cada jurisdição participante”.*

*O lançamento ocorre em meio a um debate agitado sobre CBDCs nos EUA. No mês passado, o governador da Flórida, Ron DeSantis, e o senador do Texas, Ted Cruz, propuseram a proibição do uso da moeda. DeSantis, frequentemente mencionado como um possível candidato presidencial de 2024, propôs uma legislação que proibiria o uso de CBDC federal e estrangeiro como dinheiro e pediu a outros estados que acrescentassem proibições semelhantes aos seus códigos comerciais uniformes. Dois dias depois, Cruz apresentou um projeto de lei que proibiria o Federal Reserve de desenvolver um CBDC direto ao consumidor.*

*Infelizmente, a maioria das pessoas da população em geral ainda não entende o que está acontecendo. Aqui no Tribuna Nacional estamos determinados a continuar relatando os planos da elite” (EA2-G1 e outros).*

Já entre o pessoal do G2, constatamos que discutiam questões centrais à compreensão de contradições da ordem mundial e ao entendimento de nossa experiência como 'Sul Global' - anti-esquerdismo, revisionismo, multilateralismo, neocolonialismo e interacionismo continental - aludindo indiretamente à batalha e ao desafio fundamental de fortalecer as forças progressistas e restituir a altivez de um Estado brasileiro soberano na condução de suas questões econômicas, políticas e socioculturais e ambientais. A meu ver, algo conduzido e alimentado também por uma teia complexa de 'afinidades afetivas e eletivas', conforme no trecho abaixo.

*“... [Temos que] destacar a importância de Lula como liderança de esquerda a nível mundial, o papel dele num possível processo de paz, na promoção de um mundo multilateral e multipolar, e portanto, a importância de se defender o seu mandato dos muitos ataques que ele já vem sofrendo e sofrerá no futuro, para quem realmente defende pautas de esquerda ... Eu fiquei pensando numa coisa e gostaria de compartilhar com vocês antes de apresentar nos grupos latino-americanos. O que vocês acham de formar um bloco de latino-americanos que defendem seus governos de esquerda e denunciam os Golpes, a princípio, juntamente com os atos do Peru, e depois, seguir, por exemplo, todos os domingos de manhã, como as Mães da Praça de Maio? Ou seja, ser um ponto e horário determinado todas as semanas. Os Colombianos defendem o Petro; nós o Lula, a Bolívia, o Arce; a Argentina a Christina; o Equador, o Rafael Correa, ou a denúncia do governo de direita de lá ...” (EA5 - G2).*

<sup>11</sup> Sobre este periódico ver <https://vermelho.org.br/2010/10/13/jornalista-descobre-conexao-entre-nazista-dem-e-daniel-dantas/>

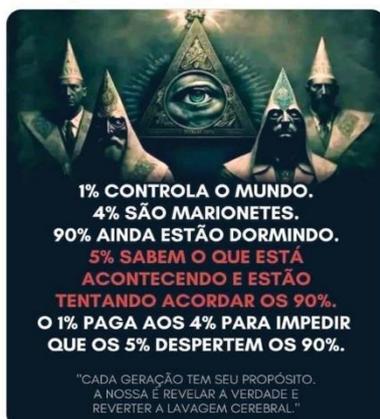
A terceira problematização reflete sobre certos modos de pensar e argumentar acerca de aspectos sociopolíticos que, como sabemos, manifestam e justificam dado corpo de ideários (Q3). Como bem definiu Van DIJK (2023)<sup>12</sup>, um conjunto de agrupamentos (ideo)lógicos que produzem e reproduzem valores e atitudes socialmente compartilhadas. As enunciações observadas apresentam e representam verdadeiros 'tipos-ideais'; ou seja, pessoas que encarnam exemplarmente ideias, normas, juízos, atitudes e comportamentos coletivos.

Entre nosso público-alvo identificamos uma diferença entre opinião e conhecimento, um marcador de peso antes e nos novos entrevistados. Algo analiticamente rentável por revelar dimensões subjacentes aos enunciados e, mais ainda, por trazer chaves de entrada à problematização de outros temas e questões afins (modelos e estratégias discursivas, criticidade, perspectivismo e reflexividade, negacionismo, desconfiança e anticientificismo, teorias conspiracionistas, retórica do ódio e dissonância cognitiva, por exemplo).

Explorando a afirmação de discurso como prática social da linguagem que implica em identidade, conhecimento, contexto e valores (Van Dijk, *idem*)<sup>13</sup>, esses distintos modos dialogar observados remeter-se-iam a modelos 'crítico-analítico' ou 'acrítico-sintético'? Sendo assim, quais contextos específicos e que ideários e temas apareceriam manifestos nos discursos dirigidos? Que valores e afeições estariam implicados em tais modos de apreensão e enunciação? Em termos cognitivos, tais matrizes se remeteriam a quais formas estruturantes/subjacentes?

Destaco dois momentos sugestivos de uma mesma mensagem, enviada pela pessoa imediatamente após a conversação dirigida (entrevista). Para mim, uma fala modular daquilo que circunscrevo como uma 'narrativa acrítico-sintética': aplanada, simplificada, descontextualizada, repetitiva, apelativa imagética e textualmente, apocalíptica, conspiratória, desinformativa e manipuladora. Mais ainda, uma declaração que implícita e sub-repticiamente fazia referência a afirmações anteriores onde a pessoa aludia a complôs maquiavélicos que controlariam a população mundial (do tipo 'comuna-vírus' e vacina-chinesa), carregadas de (pré) julgamentos sociopolíticos.

 A maior verdade já lida no dia da mentira  
 Todos precisam despertar...É dessa forma que funciona ✨



(EA2-G1)

*"A verdade está aí para quem quiser ver, e ela não é nada fácil de enxergar e digerir... Infelizmente sabemos que muitos ainda se negam a enxergar, talvez porque não consigam mais raciocinar direito, ou então fingem que está tudo bem, por que têm medo de admitir a dura condenação à que submeteram seus corpos (e de seus filhos), até o momento de tornarem-se mais um número na estatística das fatalidades consideradas "normais" aos olhos das "autoridades" e dos*

<sup>12</sup> Van DIJK, 2023 (*idem*).

<sup>13</sup> Van DIJK, 2023 (*idem*).

*tiranos que controlam o planeta, os quais querem atingir a todo custo a sua meta de reduzir drasticamente a população do planeta” (EA2-G1).*

Em nosso diálogo sobre projeto original e pesquisa empírica, um ponto final a destacar foi a necessidade de rever tempos, prazos, espaços e sujeitos à pesquisa proposta, notadamente suas etapas de execução. Em especial, depois de avaliar as dinâmicas interacionais e de redimensionar o número estimado de entrevistas, obedecendo critérios básicos de proporcionalidade entre os dois grupos, revisamos o recorte temporal do trabalho de campo e o bloco de atividades previstas.

Prioritariamente, decidimos “entrar em campo” no momento inicial do novo governo brasileiro, considerando a relativa moderação do “período de lua de mel”, pouco mais de cem dias de nova gestão. Um contexto intrigante e contraditoriamente peculiar: ‘temporada-morna’, de relativa calma e descanso da vitória eleitoral e expectativa com o novo curso político (compreensão hegemônica entre os pesquisados do G2); mas também, ‘tempo-alvorçado’, movimentado por inconformismos, raivas e frustrações com a derrota nas urnas (percepção notória entre os representantes do G1).

Em seguida, reestruturamos o cronograma original que passou a ser composto de quatro fases: **F1**: formulação do (sub) projeto e formatação de sua Regional de trabalho (R1), em outubro e novembro de 2022; **F2**: elaboração de materiais à execução da pesquisa empírica e revisão da proposta original, de novembro de 2022 e agosto de 2023; **F3**: submissão da proposta ao Programa Interinstitucional, sistematização de indicadores, análise de dados e produção de textos, junto à **F4**: participação em eventos e circulação de resultados (de setembro de 2023 a novembro de 2024).

Ao final, concluídas suas duas fases específicas (F1 e F2), temos em mente a viabilidade de realizar futuros desdobramentos analíticos, conjecturando um possível retorno aos entrevistados em outro tempo político da atual gestão governamental (‘Lula 3’), com registro audiovisual. Um momento quiçá menos estriado pelo esforço de superação das marcas do malfadado (des) governo anterior e pelo desafio de desradicalizar parte significativa da sociedade brasileira. Quem sabe, também, um contexto de reinserção empírica menos desassossegada, conforme atestam as dinâmicas interacionais experienciadas que passamos a narrar.

### **3. UM CAMPO EMPÍRICO: impasses e dinâmicas interacionais**

Nesta parte resgato aspectos e circunstâncias do processo relacional estabelecido na interlocução dirigida com os dois grupos observados, narrando obstáculos à comunicação e interação e problemas encontrados à conclusão da pesquisa empírica (F2). Sublinho que equipamento metodológico elaborado e o trabalho de campo concluído, inteiramente sob minha responsabilidade, reforçam uma escrita mais pessoal (1ª. pessoa do singular) para descrever adversidades, características e dinâmicas próprias ao exercício etnográfico realizado. No decurso do trabalho, sublinho, enfrentei muitas dificuldades, sobretudo se comparo com a facilidade, fluência e intensidade da interação anterior (Gouveia, 2022), lidando com dilemas que puseram em xeque a equivocada ideia inicial de que finalizada campanha eleitoral brasileira entraríamos em ‘contexto morno’ - de relativa temperança entre o presidente eleito e a população eleitora -.

Desde o início, foram muitas barreiras à comunicação com apoiadores do candidato derrotado. Ao contrário da expectativa de que num contexto de menor ressonância de suas identidades e filiações (a Espanha) eles precisariam e queriam falar ‘sobre-o-Brasil-com-brasileiros’, tive dificuldades de estabelecer

relações de confiança cruciais ao diálogo 'pesquisador-pesquisado'<sup>14</sup>. Contrariando o senso comum, de brasileiros serem 'abertos, amigáveis e cordiais', no trato com a maioria do G1 enfrentei muita resistência, pouca abertura, constrangimento e indelicadeza. Imediatamente, postulei sobre o imaginário que povoa nossa autorrepresentação e o *gap* entre 'essência' e 'aparência'. Afinal, nem sempre somos como nos imaginamos.

Acerca disso, discutindo o autoritarismo como traço cultural do Brasil, L. Schwartz (2019)<sup>15</sup> aponta chaves explicativas para compreender o que e como somos e o que estamos vivendo hoje como sujeito, sociedade e nação (intolerâncias e violências, autoritarismos e autocracias, supressão e negação de direitos, ódio e criminalização política, conservadorismo e ataque às instituições democráticas e anti-intelectualismo). Tais aspectos incidem sobre como os brasileiros se veem, são vistos e veem o 'outro', sublinhando os mitos principais que 'explicam' o Brasil; narrativas fabulosas que refletem uma autoimagem invertida do país e de seu povo<sup>16</sup>. Sim, a duras penas constatei que, de maneira nada 'cordial', somos também intolerantes, autoritários, hierárquicos e desconfiados.

Foram demasiadas ambiguidades e adversidades em todos os contactados do G1 (37), com os quais 'penei' para repassar 25 questionários, ter retorno de 13 cadastros (1 inutilizado) e entrevistar 6 pessoas. Mesmo quando finalmente houve interação significativa com alguns, a maioria declinava. Postergavam, usavam desculpas e/ou argumentos evasivos ou, simplesmente, 'cortavam' a comunicação - conforme trechos de mensagens selecionadas.

- "Bom dia querida 🌹

Desculpa não ter respondido antes.

Ainda não estou muito bem, o resfriado me pegou de verdade, não tenho ânimo para nada.

Vou tentar responder o formulário hoje se ainda puder

Me diz alguma coisa. Beijo 😘" (EA4-G1).

---

- "Oi Patricia. Essa semana impossível. Estou desmarcando tudo, porque tenho um compromisso até meio de maio. Sinto mto" (ML-G1).

- "Ok entendi. Me desculpe e sinto muito, mas não poderei e não posso participar destes tipos de pesquisa. Uma vez que tenho uma titulação que me proíbe participar para não provocar falhos na mesma. Desejo sorte para vcs" (SE-G1).

---

Junto aos súbitos silenciamentos e cortes na comunicação (muitos próximos deixaram de responder), destaco um fato pitoresco e revelador: uma conhecida respondeu à pergunta objetiva sobre sua possível participação na pesquisa (FC e EA) de forma "curta e grossa", em espanhol, formal e em primeira pessoa do plural, demarcando súbito distanciamento. Depois disso não mais respondeu minhas mensagens. Um comportamento destoante do padrão anterior de nossas conversas, sempre no WhatsApp, em português, e em tom amistoso e coloquial:

---

- "Gracias por tu mensaje. En este momento no estamos disponibles, regresamos el 11/05. Muchas Gracias" (BZ-G1).

---

<sup>14</sup> Algo pouco comum na interação com 'o pessoal' do G2, com eles as poucas barreiras foram de ordem operacional (falta de tempo, situação de trabalho, incidentes familiares e minha própria decisão de não retornar contatos pelo desequilíbrio numérico entre G1 e G2). Descontando os inevitáveis contratemplos à administração da agenda dos abordados (disponibilidade e viabilidade do encontro presencial ou *online*), constatei neles uma empatia crucial ao trabalho etnográfico e à busca por respostas positivas à participação na pesquisa.

---

<sup>15</sup> Schwartz, L. M., 2019. Sobre o Autoritarismo Brasileiro. Companhia das Letras, São Paulo, SP.

<sup>16</sup> A antropóloga elenca as ideias centrais de nossa mitologia identitária: 1. O Brasil é um país pacífico, harmônico e sem conflitos; 2. Os brasileiros são informais e igualitários e avessos a hierarquias; 3. A república brasileira é uma democracia plena e coesão social, sem disparidades de classe, gênero, raça e religião; 4. O Brasil é um paraíso tropical, ungido por Deus, aliás, nosso mais 'famoso brasileiro' (*idem*, pp 22-23).

Além de recorrentes recusas e distanciamentos, de não-retorno das fichas encaminhadas (FC) e de embaraços à seleção e execução das conversas dirigidas com eles (FC e EA), lidei também com desconfianças, dúvidas e acusações sobre “minhas reais intenções”. Para elucidar, reproduzo parte do *chat* de uma colaboradora (a qual sou muito agradecida) - que contactou privadamente conhecidas com quem dialogava bastante, participando de numeroso grupo de mulheres do/no WhatsApp (270 brasileiras) -, povoado dessas afeições negativas.

---

**Colaboradora:** “... Um grupo de professores de várias Universidades do Brasil e do CDS de Barcelona está fazendo um trabalho e necessita de pessoas que respondam à um formulário simples e anonimamente (3 a 4 minutinhos). O detalhe importante é que deve ser respondido por pessoas que votaram no candidato derrotado em 2022. Quem tiver acesso a pessoas com esse perfil me avise que eu envio o formulário online. Espero contar com vocês para poder alcançar a quantidade de pessoas para o estudo. Obrigada e Um Abraço. É bem simples, mas se tiver dúvidas, pode chamar”.

---

**Interlocutora 1** “- Me desculpe, isso não é pesquisa, mas manipulação dela”.

---

**Interlocutora 2** “- Tem q ser quem voto apenas no Bolsonaro. E faz perguntas genéricas, que feio, por isso ser no privado!” ... “- Para ficar mais fácil de manipular??”

---

**Interlocutora 3** “- Não sou ptista nem lulista, muito menos comunista, antes q comece a falar”.

---

**Interlocutora 4** “- Mas fazer esse tipo de coisa é manipulação de informações. Por isso, vivem alimentando realidades que não existe. Muito triste”.

**Interlocutora 5** “- E por esses tipos de atitudes, o povo Brasileiro perece, ao invés de tentar melhorar o país, ficam alimentando o monstro, como bichinho de estimação! Político de estimação, é como dormir com cobra. Um dia vc amanhece picado”.

**Interlocutora 6** “- Sai desse mundo do WhatsApp e vá buscar informações internacionais e nacionais (brasil) sem que haja manipulação, já viu o jornal da cultura?? Tem especialistas do Brasil inteiro, médicos, advogados, jornalistas, filósofos, pesquisadores, só os melhores do Brasil. Para ver uma opinião, fora da fake news q é a realidade dos militantes do bolsonaro e petistas! Obs: se não me responder vou colocar seu posicionamento no grupo”.

---

Desconfianças, evitamentos e descréditos, explícitos ou disfarçados, no âmbito do G1, sugeriam distintas coisas. Em muitos, um constrangimento/vergonha de assumir o voto no candidato derrotado (similar ao que acontece na Espanha, em relação à dificuldade de entrevistar votantes do Partido Vox) e, hoje, relativamente desconstruído (situação exemplar ao revés na pessoa entrevistada que secretamente votou em Lula, sem dizer a familiares e amigos). Em outros, certo embaraço em declarar que não tinham votado nas últimas eleições, ocultando preferências pessoais. Em parte, os mais radicalizados, uma não-declarável expectativa de que algo extraordinário ainda pudesse acontecer e transformar o atual estado de coisas no Brasil. Incrível, mesmo passado o primeiro semestre do novo governo pareciam ainda não assimilar tal fato. Em alguns, certo desconhecimento e uma possível desvalorização da prática e saber que eu representava (um achou que eu era ‘arqueóloga’, tipo “caçadores da arca perdida”).

A meu ver, um ‘não-reconhecimento’ que indicava suspeitas sobre reflexões acadêmicas, especialmente das Ciências Humanas/Sociais, talvez porque este saber (que ali eu encarnava) baseie-se e persiga verdades em ‘fatos e dados’, e não em ‘argumentos ideológicos’. Aqui, veio à cabeça a observada oposição entre opinião e conhecimento e a postura negacionista e anticientífica de muitos. Como sabemos, nosso compromisso analítico incide sobre verdades-factuais; claramente, algo depreciado/menosprezado por vários. Dentre outras razões, identifiquei certo rechaço e insegurança porque tal forma de conhecer/saber colocaria em xeque certezas não fáticas nas quais tantos se apoiavam.

Diante de dificuldades e evasivos argumentos (“sim-mas-contudo-todavia”), cogitei se não haveria também receio, não necessariamente consciente, de se verem expostos a alguma sanção (concreta ou imaterial). Seja pela liminaridade da condição migrante (alguns estavam “*sin papeles*”), seja pela participação ‘frenética’ em redes sociais radicalizadas. O alerta partiu de alguém entrevistado. “*É por medo do Xandão*”, afirmou enfaticamente, em alusão ao ministro responsável pela apuração e punição das redes extremistas. Eureka! Agradeço-lhe muito porque ajudou tanto a lidar com o desgosto pelo ‘insucesso’ com

o pessoal do G1, bem como a confirmar o complexo contexto interacional e a insistência deles em ter garantias de anonimato e confidencialidade.

Em seguida, me esforcei por minimizar certas 'marcas sociais' (subjetividades) via ações concretas: reduzir presença em coletivos progressistas, mudar imagem de perfil, evitar postagens em redes, impessoalizar enquetes, redecorar minha oficina de trabalho, retirando atributos e sinais indicativos de posicionamentos políticos etc. Simultaneamente, busquei novas estratégias à inserção e interlocução com o pessoal do G1. Passada a frustração com as 'mazelas à ocupação do campo', fiz "do limão uma limonada", considerando as adversidades como 'pérolas etnográficas'. Além de muito "boas para pensar", atualizavam prerrogativas teórico-metodológicas básicas à pesquisa e reafirmavam a relevância do olhar localizado (Antropologia) e do exercício minimalista (Etnografia) para iluminar questões abrangentes e cruciais relativas ao campo das práticas discursivas (Magalhães e outros, 2017).

Junto aos obstáculos operacionais à comparabilidade e continuidade da proposta original, reverti pressupostos e estratégias e ponderei questões à continuidade do trabalho empírico. Superando resistências político-ideológicas pessoais, abandonei as redes conhecidas e busquei grupos específicos onde havia maior concentração do público-alvo (G1). Além de abordagens casuais (improvisadas na rua), foram muitas tentativas e espaços sondados. Percorri centros de estética, lojas de produtos étnicos (By Brasil, Latina e Latino-África) e restaurantes brasileiros (La Carioca, Cantinho Brasileiro, Bracafé); interagi com coletivos culturais, Associação de Brasileiros na Catalunha, grupos de mulheres e de religiosos (paróquia internacional de *la Mare de Déu de Betlem*) e recorri a serviços de terceiros (camareiros, advogados, despachantes, esteticistas, comerciantes *online*).

Ambientes nos quais segui um clássico manual de campo: identificação do lugar, participação indireta, identificação e contato com informantes-chave, apresentação da proposta, inserção no campo, observação direta e, finalmente, interlocução qualificada com quem sinalizou interesse em participar. Presencial e virtualmente, estabeleci diálogos e facilitei o acesso e preenchimento cadastral (levantamento sociocultural), que para além da classificação genérica promoveu atração e esclarecimentos que deram concretude à pesquisa. Realizei três pré-testes e um improvisado grupo focal, decisivos à redefinição do formulário básico<sup>17</sup> e do roteiro de entrevista. Igualmente, encaminhei um passo-a-passo àqueles reticentes, porém interessados/curiosos na pesquisa<sup>18</sup>.

No primeiro Grupo, 12 pessoas negaram e 25 aceitaram receber a ficha cadastral (FC). Das que receberam as fichas, o retorno foi bastante descontínuo, aquém das expectativas iniciais do trabalho de campo (destas, 12 recusas e 13 aceites à posterior entrevista aprofundada - EA). Já no segundo Grupo, todos contactados receberam de 'bom grado' a FC (de 45 recebidos, 19 preencheram, destes, 2 recusas de EA e 17 aceites. Os 26 restantes deliberadamente não voltei a contatar devido às dificuldades com o G1). Todavia, graças a mediadores, acessei um número mínimo no G1 - porém, razoável - dispostos a serem entrevistados. Logo, reduzi os ' aceites' do G2 e completei as entrevistas restantes, encerrando a segunda fase (F2). Pensando no desdobramento e continuidade do projeto, garanti o marco temporal previsto, desejando ampliar comparações futuras. Por fim, iniciei nova fase (F3) da pesquisa, submetendo a proposta ao Programa Interinstitucional (o estágio pós-doutoral no LabEC/UnB) e organizando o corpo preliminar de indicadores, cujo esboço apresento a seguir.

---

<sup>17</sup> Agradeço à Maia Cuperstein pela colaboração à formatação do questionário no modelo 'google.forms' e à codificação de dados.

<sup>18</sup> PASSO 1: preenchimento da Ficha Cadastral (FC online). PASSO 2: realização da Entrevista Aprofundada (EA): **Pauta 1 - sem gravação**: esclarecimento das condições à entrevista; acordo de confidencialidade/termo institucional de ciência e aceite; objetivos e cronograma 2023; preenchimento/clarificação da Ficha Cadastral. **Pauta 2 - com gravação** (5 perguntas por bloco): B1: BRASIL - ESPANHA: uma comparação; B2: MEIOS E INFORMAÇÃO: temas e tipos; B3: OPINIÃO POLÍTICA: BR e outros; B4: FECHAMENTO.

#### 4. UM ESBOÇO DO CORPO DE DADOS: instrumentos e indicadores básicos

Em diálogo com a formulação do domínio analítico e empírico da Regional 1 (R1), a atualização dos pressupostos originais do projeto e a descrição reflexiva do trabalho de campo, foram redefinidos os instrumentos de pesquisa e produzidos um conjunto de indicadores básicos. Nesta parte, portanto, exibo as ferramentas metodológicas utilizadas e o conjunto de dados preliminares que formataram a matéria bruta ao exame das questões propostas (Q1, Q2 e Q3). Afinal, é importante explicitar sua construção, apresentando procedimentos e equipamentos, ordenando referências básicas e caracterizando genericamente os sujeitos investigados.

Em primeiro lugar, sublinha-se a relevância do referencial teórico e o rendimento dos instrumentos produzidos e aplicados. Uma abordagem multidisciplinar reiterada tanto teórica, pelos diálogos entre Antropologia, Sociologia e Linguística; quanto metodologicamente, pela prática etnográfica necessária à análise de discurso crítica (Magalhães e outros, 2017). Uma prerrogativa construída ‘no e pelo’ diálogo com colegas do *Centre of Discourse Studies*, que aproveito para manifestar gratidão<sup>19</sup>.

Em segundo plano, assinala-se a extensão do número de pessoas contactadas e observadas. Apesar de nenhuma expressividade estatística (não se trata de ‘retórica numérica’), nossos dados gerais extrapolam a questão da confiabilidade vs. Validade; têm tanto representatividade social, quanto caracterizam o estofo do exercício etnográfico realizado (de novembro 2022 a julho 2023). Para dimensionar grandezas, concluída a F2 reunimos instrumentos variados, dispo de indicadores expressivos: seleção de leituras e definição de campos temáticos, agenda de trabalho, cartas de apresentação do projeto, mensagens multimodais, modelos de formulário, pré-testes e grupo focal, roteiro de entrevistas, notas de campo, redivisão do público-alvo e acervo discursivo (conversas dirigidas).

Em terceiro lugar, retoma-se mais detidamente o processo de inserção no terreno. Como dito, o ‘novo campo’ foi iniciado depois da conjuntura ‘quente’ da passada disputa das eleições (novembro de 2022), retomando o ambiente das redes sociais em busca de novos e diversos brasileiros emigrados, fora dos coletivos político-eleitorais. Assim, foi estabelecida comunicação diversificada formatando e sedimentando etapas da pesquisa empírica: contato direto, interlocução não-presencial, apresentação do projeto, busca por espaços e indivíduos-chave, preenchimento do questionário-base e, finalmente, obtenção de depoimentos, cuja maior preocupação o contato qualitativo com o pessoal do primeiro Grupo.

Reividimos os campos de atuação e priorizamos o foco do Programa Interinstitucional do CDS, privilegiando o diálogo com o G1, central às nossas preocupações teórico-metodológicas. Apostamos no efeito bola-de-neve, nas redes pessoais e nas conversas diretas, aplicando pré-testes (3) e improvisando grupo focal (1). Junto ao estabelecimento de contatos iniciais, esclareceu-se objetivos e cronograma a possíveis interessados em participar e só então foram distribuídas as fichas cadastrais (FC). Um instrumento crucial à aproximação intersubjetiva entre pesquisador e pesquisado, importante à apresentação da proposta ao nosso *target* e ao posterior levantamento sociodemográfico dos informantes.

---

<sup>19</sup> Desde a elaboração e revisão do projeto original ao material empírico construído dialoguei com colegas pesquisadores, especialmente com meus supervisores Teun van Dijk e Viviane Resende, e com as professoras Sandra Soler, Isabel Travancas e Neiva Vieira.

Todas as ações decisivas à interação qualificada no terreno e ao equilíbrio na construção da base de dados qualitativos (BDQ).

Para melhor dimensionar o instrumental metodológico utilizado, exibimos a composição básica do questionário elaborado.

---

**Prezado/a Participante**

---

*Estamos pesquisando e comparando as opiniões de brasileiros e demais latino-americanos que vivem na Espanha. Por favor, responda nosso questionário, abaixo. Sinta-se seguro, todas as informações serão anônimas e confidenciais. Qualquer dúvida, entre em contato pelo e-mail: [patgouve@gmail.com](mailto:patgouve@gmail.com) / [patricia.gouveia@discoursestudies.org](mailto:patricia.gouveia@discoursestudies.org)  
Muito obrigada!*

**IDENTIFICAÇÃO:** gênero, idade, estado civil, cidade/Estado de nascimento, tempo vivendo na Espanha, com quem vive, tipo de identificação, cidadania estrangeira, gastos regulares.

**ELEIÇÕES GERAIS:** votante nas eleições do Brasil e da Espanha.

**ESTUDOS & TRABALHO:** escolaridade, instituição de ensino, cursos, situação de trabalho, trabalho atual.

**RELIGIÃO:** filiação e prática.

**SOCIABILIDADE E INFORMAÇÃO:** participação em grupo/atividade coletiva, meios de informação sobre fatos/notícias e acontecimentos nacionais (Brasil) e internacionais, opções de lazer, características que acha importante em uma pessoa, características que gosta e não gosta em você, interesse e/ou disponibilidade de conceder uma entrevista.

**INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:** algo mais/algum outro dado a acrescentar, indicação de alguém à pesquisa.

Dos 70 formulários diretamente distribuídos, 32 foram devidamente preenchidos e seus marcadores básicos indispensáveis à seleção posterior das 12 entrevistas aprofundadas. Deste corpo geral, entre os disponíveis à entrevista, selecionamos indivíduos de camadas médias-médias (funcionários públicos, artistas, *freelancers*, intelectuais, profissionais liberais e aposentados), cujo capital simbólico é valorizado. Igualmente, elegemos pessoas das classes médias-baixas (desempregados, temporários, serviços domésticos, vendedores), cujas formas de pensar o mundo e seus *modus operandi* são socialmente menos legitimados.

---

**Gênero:** mulheres = 26 e homens = 6; **faixa etária:** de 21 a 30 anos = 1; de 31 a 40 anos = 9; de 41 a 50 anos = 7; de 51 a 60 anos = 7; de 61 a 70 anos = 6; de 71 a 80 anos = 2; **local de nascimento:** 6 da região Sul: RS = 2, SC = 2, PR = 2 = 6; 20 do Sudeste: SP = 6, RJ = 7, MG = 7; 1 do Centro-Oeste; 2 do Norte e 3 do Nordeste;

**Escolaridade:** 1º. grau incompleto = 1; 2º. grau incompleto = 1 e 2º. grau completo = 7; 3º. grau incompleto = 6 e 3º. grau completo = 17 (10 com pós-graduação);

**Dados familiares: estado civil:** 14 solteiros, 5 casados, 3 separados/divorciados, 2 uniões estáveis; **contatos no Brasil:** 32 contatos regulares com família e amigos próximos (todos); **recursos à família no Brasil:** 6 envios sistemáticos de dinheiro aos familiares;

**Participação eleições brasileiras:** 2018 = 16; 2022 = 23;

**Situação emigrado: local moradia:** Barcelona = 16, Arredores BCN = 6, Povoados = 10; **com quem mora:** casa compartilhada com não-familiares = 5, casa compartilhada com família e não familiares = 7, sozinha = 5, casal e filhos = 8, casal = 5, mãe e filho = 2; **tempo de emigração:** +21 anos = 6, de 10 a 20 anos = 9, de 9 a 5 anos = 9, - de 5 anos = 6; **situação na Espanha:** com cidadania = 9, residência permanente = 2, direito de residência = 20, indocumentado = 1; **participação nas eleições em Espanha:** 2015 = 3, 2019 = 5, não participação = 24;

**Dados laborais: com trabalho:** 18 empregados; 9 freelancers/autônomos; 5 desempregados; **com contrato de trabalho e funções:** 1 servidor público, 1 jornalista, 4 pensionistas/aposentado, 3 professores e acadêmicos, 3 camareiros, 7 vendedores; autônomos/freelancers com acumulação de várias atividades: 5 em serviços domésticos, 2 esteticistas, 2 artistas;

**Religião:** 13 católicos [7 praticantes]; 7 nenhuma; 6 evangélicos/pentecostais [todos praticantes]; 4 espíritas [2 praticantes]; 2 afros [ambos praticantes];

**Padrão de consumo: gastos regulares:** despesa domésticas = 32; envio família no Brasil = 6; poupança = 9; doações = 5; lazer = 24; **opção de lazer:** viagem = 10; restaurante/bar = 7; cinema/música/teatro/dança/exposição = 9; esporte = 2; livros/cursos = 2; praia = 2; infantil = 2;

**Atividade associativa:** participa = 18 [5 fazem doações], não-participa = 14;

**Meios de informação:** TV aberta = 11; Jornais = 11; Livros/Revistas = 8; Radio/Podcasts = 8; Internet = 32, Redes sociais = 18; WhatsApp/Telegram etc. = 32;

**Autorrepresentação:** honestidade = 23; empatia = 20; lealdade = 13; sinceridade = 14; respeito = 11; companheirismo = 7; outros [alegria, inteligência, saúde etc.].

---

Nossas conversas dirigidas ocorreram tanto no circuito de preenchimento do questionário (FC), quanto no âmbito das entrevistas aprofundadas (EA). No G1, das 13 fichas preenchidas, apenas 2 foram respondidas sem a presença do pesquisador; enquanto todas as 19 do G2 foram autopreenchidas e enviadas quase imediatamente. Foram contactadas novamente as 32 pessoas dispostas a serem entrevistadas (12 G1 e 20 G2), das quais foram entrevistadas 12 (6 G1 e 6 G2).

Nas entrevistas seguimos o roteiro básico estruturado como fio-condutor à conversação estabelecida. Todavia, na seleção foi difícil manter a proporcionalidade entre os dois grupos observados. Embora originalmente quiséssemos entrevistar 20 pessoas, 10 representantes de cada grupo, as dificuldades com o G1 levaram a reduzir nossa 'amostra principal'. Todos os 45 contactados do G2 receberam a FC e 19 foram preenchidas. Com os 26 restantes decidimos não voltar a contactar, como sempre fazíamos, buscando equalizar com a base do G1<sup>20</sup>.

---

## PARTE 1. CONVERSA SEM GRAVAÇÃO

---

1.1. Esclarecimento dos Marcos Temporais e das Condições da Entrevista.

1.2. Acordo de Confidencialidade/Termo institucional de ciência e aceite da instituição (ENTREGAR AO ENTREVISTADO)<sup>21</sup>

1.3. Objetivos da Pesquisa R1: traçar o perfil de brasileiros emigrados na ES/EU; sistematizar dados sociodemográficos/culturais e apresentar resultados às instituições técnico-acadêmicas.

1.4. Preenchimento/Clarificação Dados Ficha Cadastral.

## PARTE 2. DEPOIMENTO GRAVADO

2.1 - BRASIL E ESPANHA: UMA COMPARAÇÃO

2.1.1 A vida na Espanha e a vida no Brasil

2.1.2 O que gosta/desgosta na Espanha

2.1.3 O que gosta/desgosta no Brasil

2.1.4 Diferenças principais entre Brasil e Espanha

2.1.5 Melhor lugar para viver/morar.

---

<sup>20</sup> Neste Grupo foram abordadas 37 pessoas; destas, 12 se recusaram e 25 aceitaram receber; porém, entre estes o retorno dos questionários foi bastante descontínuo, aquém de minhas expectativas (15 FC).

<sup>21</sup> "Eu, **Patrícia Fernanda Gouveia da Silva**, coordenadora da Regional 1 e pesquisadora do projeto "UN PEDAZO DE BRASIL EN ESPAÑA: perfil sociocultural y representaciones sociopolíticas de inmigrantes brasileños", sob responsabilidade do **Centre of Discourse Studies - CDS - Barcelona**, conheço o protocolo do projeto, os seus objetivos e os métodos utilizados. Sou consciente de que nossos pesquisadores não interferirão no fluxo normal da vida dos informantes e asseguro que são confidenciais e sigilosos os dados da Ficha Cadastral (FC) e da Entrevista Aprofundada (EA). No mais, me coloco à disposição para eventuais esclarecimentos cabíveis".

## 2.2 - MEIOS DE INFORMAÇÃO

2.2.1 Temas que gosta de saber/se inteirar

2.2.2 Meios que utiliza

2.2.3 Frequência que busca/acessa informação

2.2.4 Pessoas e ambientes com quem debate

2.2.5 Mudança de opinião.

## 2.3 - OPINIÃO POLÍTICA

2.3.1 Mudança de 'voto'

2.3.2 Ser de Esquerda (E)

2.3.3 Ser de Direita (D)

2.3.4 E e/ou D: valores e pautas

2.3.5 A posição do entrevistado.

## 2.4. FECHAMENTO

2.4.1 Opinião sobre a EA

2.4.2 Algo a acrescentar/perguntar

2.4.3 Interesse na gravação

2.4.4 Indicação de outro entrevistado

2.4.5 Agradecimento.

As entrevistas ocorreram em dois contextos comparativamente distintos, sem e com gravação, cujo olhar mais focado revelou semelhanças e diferenças, notadamente relacionadas ao campo das afeições e à experiência migratória. Por exemplo, todos do G2 conversaram muito, antes, durante e depois da gravação. Por sua vez, todos do G1 falaram mais sem o gravador ligado, bastante 'econômicos' quando gravados. Falas, gestos, recusas, silenciamentos que compunham 'discursos'; formas de pensar e estar no mundo subjacentes ao enunciado público. Como previsto, material cujos significados (sentidos, encadeamentos, coerências, contraposições etc.) foram produzidos no e pelo cotejo do exercício etnográfico com a tradição da análise de discursos crítica (Magalhães e outros, 2017).

Ampliando a base classificatória inicial, agrupamos traços gerais a elementos englobantes, configurando subconjuntos de 'tipos' recortados por atributos afetivos/morais. Entre os representantes do G1 as anotações de campo descreviam aspectos pessoais, sobrepondo adjetivações como: 'raivosos', 'ressentidos', 'destemperados', 'desconfiados', 'ilhados', 'radicalizados', 'desiludidos', 'ameaçados', 'discriminados', 'desconfiados', 'dissimulados', 'inseguros' e 'constrangidos'. Nos pesquisados do G2 os traços mais evidentes foram apontados como substantivos abstrato: plasticidade, leveza, criticidade avaliativa, conhecimento, posicionamento, esclarecimento, projeto e militância. Todavia, estas notas gerais foram tomadas 'em situação' e em perspectiva comparativa, face às diferenças mais visíveis entre os interlocutores de ambos os grupos. Posteriormente, o material revisto revelaria matizes nas representações locais de ambos os coletivos. Longe de serem universos representacionais absolutos e homogêneos, havia muita contradição entre eles.

Os argumentos eram exemplares, desde interações pessoais a contatos virtuais, conhecemos sujeitos quase modelares de dadas maneiras 'de ver' e 'de ocupar' o mundo. Em muitos uma exaltação subjetiva peculiar, própria à 'condição migrante'. Uma apologia discursiva que seguia o sinuoso fluxo de suas memórias afetivas e o *gap* objetivo e simbólico da experiência de viver em longitude real. Identificamos também aspectos relativos às afeições além de generalizações e de oposições naturalizadas entre 'bolsonarismo e bolsonaristas' vs. 'lulismo e petistas'. Havia diferenças e aproximações tanto naqueles que apoiavam o desgoverno Bolsonaro, quanto nos simpatizantes de Lula/PT. Apreendemos contradições nas 'filiações', exemplarmente manifesta na pessoa entrevistada do G1 que somente na entrevista 'confessou' ter votado no segundo turno em Lula.

Em termos relativos, o G1 apresenta-se mais coeso - prioritário à proposta investigativa geral do Programa Interinstitucional -, havendo mais semelhanças entre os entrevistados do Grupo. Já o G2 parece mais diversificado, englobando tipos diferenciados de progressistas e maior variabilidade nos perfis. Mesmo após concluída a F2, muitos continuaram/am interagindo, sobretudo, enviando conteúdos relacionados à pesquisa, involuntariamente, contribuindo para alimentar o corpo de referência (teórico e empírico) estruturado. Esse material adicional endossou a percepção de que, nas franjas temporais do trabalho de campo realizado, certos apanágios se mantinham ativos no imaginário de muitos brasileiros, dentro e fora de nossas fronteiras internas (conforme têm indicado as últimas pesquisas de opinião). Contudo, se comparado à truculência e incompatibilidade do período anterior, também nas "bandas de cá" antagonismos e discrepâncias precisam ser mais bem matizados e escrutinados.

Enfim, para arrematar esta apresentação reflexiva sobre as duas fases iniciais da pesquisa em curso (a formulação da Regional 1, a atualização de pressupostos, o exercício etnográfico e os indicadores básicos), cabe reafirmar a importância da dinâmica interacional e dos dados construídos à qualificação dos domínios analítico e empírico desta proposta investigativa em curso.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A título de fechamento, arremata-se a discussão encampada ratificando elementos básicos que balizam o projeto e que, igualmente, circunscrevem seus limites e possibilidades de desdobramentos analíticos: a Regional 1 como uma proposta em construção; o cumprimento de novas fases da pesquisa em curso; a sistematização dos dados construídos; a flexibilidade da proposta e a presença do campo dos afetos em parte das ações e representações sociopolíticas dos entrevistados.

O primeiro elemento é a noção da *Regional 1 (R1) como um domínio emergente, em desenvolvimento, que ganha materialidade neste projeto inaugural*. Nele, sublinha-se a relevância da perspectiva crítica adotada. Conforme pontuado, cotejando distintas tradições disciplinares, o universo analítico explorado são as conversas dirigidas, conduzidas em contexto interacional. Como peças textuais, definem-se teórica e metodologicamente como 'discursos' à análise crítica. Logo, quer se interpretar dadas formas de dizer e de fazer de nossos informantes enquanto práticas sociais expressas em distintos moldes discursivos: conversação, fichas cadastrais, entrevistas e mensagens trocadas.

Um material diverso que manifesta formas de avaliar, afirmar, valorizar, contestar, negar etc., determinados problemas e temas em voga no atual contexto político-social brasileiro (gestão governamental, regime político, modelo de crescimento e desenvolvimento, acesso a bens e direitos, políticas públicas inclusivas e questões sociais como desigualdades, segurança pública, geração e

distribuição de riquezas, moradia, educação, saúde). Dito melhor, condutas, ações e representações explicitadas em 'situação de campo' que contêm e revelam diversas e multifacetadas maneiras de apreender e compreender o Brasil e nossa sociedade dos últimos anos.

O segundo ponto é a *ratificação do que até aqui foi feito e a alusão às próximas fases e desdobramentos do projeto* (Fases 3 e 4). Ao longo do trabalho de campo, foi atualizado os três pressupostos norteadores: os significados atrelados a identificação com a Direita e a Esquerda, os atributos mais ou menos 'modernos' implícitos nas formas de viver no exterior e os modos de pensar e argumentar distintos, notadamente a diferença entre opinião e conhecimento. Concomitantemente, em narrativa reflexiva, problematizou-se as vicissitudes e a dinâmica interacional vivenciadas. Como resultado preliminar, foi construído um corpo de indicadores básicos à reflexão proposta.

Então, concluída sua pesquisa empírica (F2), os próximos passos serão transcrever e codificar os indicadores para consolidar a Base Qualitativa de Dados (BQD), junto à análise crítica do material construído. A partir daí, serão produzidos e divulgados resultados do projeto através da confecção de cinco textos. Este primeiro inaugura a terceira fase (F3), caracterizando a Regional (R1), os pressupostos e o campo observado (o trabalho empírico) da pesquisa. O segundo contextualiza o Brasil dos últimos 10 anos (sobretudo a malfadada 'era Temer-Bolsonaro'). Outros dois apresentarão as sinopses das entrevistas e os perfis dos sujeitos pesquisados (G1 e G2). Por fim, um artigo comparativo que examinará parte das ações e representações sociopolíticas de ambos os Grupos.

O terceiro elemento é *aplicabilidade da pesquisa desenvolvida*. A nosso ver, ela extrapola contornos específicos de sua realização e, modestamente, contribui à promoção do Programa Interinstitucional proposto, especialmente ao intercâmbio acadêmico no plano local e internacional. Afinal, as dinâmicas e questões problematizadas, presentes em outros contextos, podem ser exploradas em análises futuras/próximas, importantes à consolidação de nossa Regional (R1).

Para além de compreender o contexto brasileiro, o material construído aponta outros entornos onde transitam nossos pesquisados. Por exemplo, aspectos identificados nas representações sociopolíticas acerca do Brasil reaparecem na apreensão deles sobre a complexa situação político-social espanhola hoje - das 'questões sociais às recentes disputas eleitorais regionais e gerais -. No limite, compreensões estabelecidas de forma sobreposta à realidade próxima (brasileira) desses emigrados.

O último traço é a *dimensão moral-afetiva subjacentes aos discursos observados*. Nas análises decorrentes será examinada a esfera das afeições como domínio que informa as representações anunciadas (os depoimentos e diálogos travados em situação de 'campo'). Afinal, encarar tantas desilusões provocadas pela incompletude de nossa experiência democrática e pelas mazelas que assolam a realidade brasileira (e outras) nos leva a insistir e investir muito na força reflexiva, na energia das lutas políticas e em muitos afetos que sustentam variadas formas de estar, fazer e interpretar os sujeitos investigados, em suas oposições, contradições e dissonâncias.

Na maioria dos contactados do G1, por exemplo, identificamos certo moralismo revanchista, do tipo 'lavajatista', largamente explorado pelas redes comunicacionais que 'consumem'. Raiva e desconfiança, combate ao desvirtuamento do corpo político e social, notadamente, corrupção, fisiologismo e patrimonialismo, defesa de valores tradicionais, desvalorização das instituições e criminalização da política. Indo além das 'falas', manifesta ideários próprios às hierarquias materiais e simbólicas que perfazem a experiência cultural brasileira. Classismo, racismo, sexismo, conservadorismo e autoritarismo, dentre outros (Schwartz, 2019). Assim, a adesão bolsonarista representa uma manifestação, dentre tantas, presente em argumentos reativos e narrativas simplificadas sobre o a história do Brasil e nosso ordenamento político democrático: corrupção, uso da máquina pública e desvirtuamento do Estado,

ameaça comunista, decadência de valores, fundamentalismo ideológico, ataque às liberdades e apologias a soluções autoritárias e superioridades morais.

Entre os segmentos de centro-esquerda observados, por sua vez, outras disposições e disponibilidades afetivas estão presentes em declarações sobre participar e defender o legado e o governo eleito ('Lula 3'). 'Petistas' ou não, expressam uma identificação distinta, igualmente sentimental, com o atual governante. Em seus corações e mentes parece ressoar a ideia-emoção englobante de que "o Brasil Voltou!". Ou seja, na perspectiva deles voltou a sensação de termos retornado aos trilhos da democracia, à pauta socialmente inclusiva, à defesa de direitos humanos, sociais e ambientais, à luta por soberania nacional e ao protagonismo no cenário internacional, pelos quais tanto lutam. Mais sobretudo, em todos parece ter voltado o orgulho de 'ser brasileiro' e a esperança lúdica de fé no futuro. Neles encontramos, portanto, outros valores estruturantes - democracia, igualitarismo, socialismo, feminismo, antirracismo, ambientalismo -, que misturam a imagem do atual Presidente à representação do Brasil que querem ter e dos brasileiros que querem ser.

Em suma, os dados construídos indicam que o campo dos 'afetos e desafetos' está ativo nas percepções sociopolíticas desse conjunto de brasileiros que têm o corpo apartado da 'terrinha', mas o coração agarrado no 'além-mar'.

Barcelona, 02 de outubro de 2023.

---